



O FEMINISMO COMO APORTE TEÓRICO E TENDÊNCIAS DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA



FEMINISM AS THEORETICAL SUPPORT AND TRENDS IN CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE WITH FEMALE AUTHORITY

JANAÍNA BUCHWEITZ E SILVA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 21/04/2021 • APROVADO EM 14/06/2021

Abstract

This article aims to reflect on contemporary Brazilian literature authored by women from different theoretical perspectives, with special emphasis on the issue of feminism from the studies of Woolf (2014), Anzaldúa (2000), Louro (2013), Butler (2003), Duarte (2003) and Figueiredo (2013). In addition to discussing specificities of contemporary Brazilian literature from Resende (2008) and Schollhammer (2011), and about the ex-centric discourse from Hutcheon (1991), to point out that contemporary Brazilian writers use writing as a political act of denunciation and empowerment, incorporating into the literature issues of the female universe, of the identity and representation of women, with a view to the development of a political and transgressive writing, in which the woman feels listened to, represented and valued.

Resumo

O presente artigo visa refletir sobre a literatura brasileira contemporânea de autoria feminina a partir de diferentes aportes teóricos, com especial destaque para a questão do feminismo a partir dos estudos de Woolf (2014), Anzaldúa (2000), Louro (2013), Butler (2003), Duarte (2003) e Figueiredo (2013), além de discorrer sobre especificidades da literatura brasileira contemporânea partindo de Resende (2008) e Schollhammer (2011), e sobre o discurso do ex-cêntrico a partir de Hutcheon (1991), para apontar que as escritoras brasileiras contemporâneas utilizam-se da escrita enquanto ato político de denúncia e empoderamento, incorporando à

literatura questões do universo feminino, da identidade e da representação da mulher, com vistas ao desenvolvimento de uma escrita política e transgressora, em que a mulher se sinta escutada, representada e valorizada.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira contemporânea. Autoria feminina. Aportes teóricos. Feminismo.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian literature. Female authorship. Theoretical contributions. Feminism.

Texto integral

Ao fim da terceira década do século XX, a escritora inglesa Virginia Woolf percorreu sobre o que ela considerava ser primordial para que uma mulher de sua geração conseguisse escrever: ter acesso a um espaço físico adequado e receber remuneração justa pelo seu trabalho. Há cerca de cem anos, a autora se questionava constantemente sobre as diferenças entre o ser homem e o ser mulher, e suas conseqüentes implicações no ato da escrita, que era entendido pela autora a partir de uma analogia à construção de uma teia de aranha, em que tanto teia quanto ficção seriam produtos de um meio material, constituído de saúde, dinheiro e a casa onde se mora. Em **Um teto todo seu** (2014), Woolf destaca que a não participação das mulheres no universo letrado gerou um imaginário de grandiosidade sobre as mulheres que não condizia com sua vida real (onde elas eram submissas aos homens), ocasionando em casos de grandiosidade na literatura que não retratavam a situação das mulheres na sociedade nem o tipo de tratamento que elas recebiam dos homens:

Assim, surge um ser muito complexo e esquisito. É de se imaginar que ela seja da maior importância; na prática, ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido (WOOLF, 2014, p. 66-67).

Assim, por muitas décadas, as mulheres foram retratadas na literatura quase que exclusivamente pelos homens. Para Woolf, caso a mulher conseguisse atravessar os obstáculos que a sociedade lhe impunha e começasse a escrever, sua escrita seria considerada “torcida e deturpada, pois teria vindo de uma imaginação mórbida e esgotada.” (WOOLF, 2014, p. 74). Com isso, a autora enaltece a importância das primeiras mulheres anônimas que um dia começaram a escrever: “Pois as obras-primas não nascem de eventos únicos e solitários; são o resultado de muitos anos de pensamento comum, de pensamento coletivo, de forma que a experiência da massa está por trás de uma voz única.” (WOOLF, 2014, p. 96). Para

Woolf, apesar de todos os obstáculos impostos pela sociedade à mulher escritora, o tempo será um bom aliado e ainda lhe proporcionará oportunidades de valorização e reconhecimento.

Em outro ensaio de Woolf, intitulado **Profissões para mulheres** (2019), a autora se utiliza da metáfora do *Anjo do Lar* para referir-se à situação da mulher da sua geração, que devia obrigatoriamente portar-se de acordo a uma série de exigências familiares e sociais: ser simpática, encantadora, responsável por sacrificar-se para agradar ao restante da família, sem opinião ou vontade própria. Nas palavras da autora, era necessário que a mulher que almejasse o desejo de ser escritora “matasse o anjo do lar” para que conseguisse escrever e assim expressar sua própria opinião. Para Woolf, a escritora mulher sentia uma espécie de bloqueio perante os homens ao abordar determinados assuntos, dentre eles as experiências do corpo. Dessa forma, a autora confessa que a experiência da escrita a ajudou a matar o seu anjo do lar, mas a dificuldade em tratar sobre seu corpo permaneceu:

Então, essas foram duas experiências muito genuínas que tive. Foram duas das aventuras de minha vida profissional. A primeira – matar o Anjo do Lar – creio que resolvi. Ele morreu. Mas a segunda, falar a verdade sobre minhas experiências do corpo, creio que não resolvi. Duvido que alguma mulher já tenha resolvido. Os obstáculos ainda são imensamente grandes – e muito difíceis de definir. De fora, existe coisa mais simples do que escrever livros? De fora, quais os obstáculos para uma mulher, e não para um homem? Por dentro, penso eu, a questão é muito diferente; ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer. Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar. E se é assim na literatura, a profissão mais livre de todas para as mulheres, quem dirá nas novas profissões que agora vocês estão exercendo pela primeira vez? (WOOLF, 2019, p. 17).

Em ensaio intitulado **Violência e sexualidade em romances de autoria feminina**, a pesquisadora Eurídice Figueiredo defende que as escritoras brasileiras contemporâneas estão ousando uma abordagem voltada ao debate de temas considerados tabus pela sociedade, tais como a questão do aborto, do incesto e do estupro, dando um especial destaque assim ao tema do corpo da mulher. Para a autora, as escritoras contemporâneas fabulam e se reinventam, através de uma escrita transgressora que ousa tratar do corpo, estando assim inseridas em um momento de superação, quando comparadas à época em que escreveu Virginia Woolf. Figueiredo defende que:

A mudança de paradigma na nova literatura de autoria feminina no Brasil pode ser notada na predominância de escritoras jovens, nascidas a partir de 1960, a tematizarem o estupro e o estupro incestuoso. Ainda que lidando com o imaginário, as escritoras estão

inseridas na sociedade de modo que os temas candentes do momento aparecem, transpostos e reelaborados numa linguagem estética. (FIGUEIREDO, 2019, p.147)

Assim, vemos que no campo da literatura ocorreram avanços significativos no que tange ao tema da autoria feminina. A conquista de direitos e espaços que anteriormente eram destinados quase que exclusivamente aos homens oportunizou com que as mulheres se fizessem presente no meio literário, tanto por meio da escrita quanto também da crítica e da pesquisa, proporcionando novas vozes e problematizações, vindas daquelas que por séculos foram caladas e tiveram que se resignar a ter suas experiências retratadas por escritores homens.

No quadro da literatura brasileira, já no século XX tivemos autoras que alcançaram a consagração de público e crítica, e o século XXI nos apresenta um momento em que as mulheres escrevem sobre grande diversidade de temáticas e problematizam situações próprias de seu universo por meio da literatura, que passa a operar como forma de luta contra opressões e silenciamentos. As experiências do corpo, tão mal resolvidas em Woolf e nas mulheres de sua geração, ganham destaques nas narrativas contemporâneas de autoria feminina, em que as autoras buscam problematizar temas próprios do seu universo, tais como a gestação, o aborto, o estupro e a violência contra a mulher, dentre outros. Em um momento tão necessário quanto o atual, em que a violência contra a mulher vem à tona e o feminicídio atinge índices alarmantes, é não só importante quanto também necessário que o tema da violência contra a mulher ganhe tanto as páginas literárias quanto também um maior espaço junto às outras formas de arte, no entendimento de que as artes como um todo, além de recurso estético, operam também enquanto ato político, na medida em que problematizam temas e geram discussões e reflexões necessárias ao avanço das pautas das mulheres.

Analisando questões da literatura brasileira contemporânea, a teórica Beatriz Resende aponta que escrever o presente é uma tarefa bastante sedutora, porém repleta de insegurança, destacando que tanto os escritores quanto os críticos literários tem sido bastante ousados na contemporaneidade, pois: “A literatura do presente que envolve uma noção muito maior que a noção de contemporâneo é aquela que assume o risco inclusive de deixar de ser literatura, ou ainda, de fazer com que a literatura se coloque num lugar outro, num lugar de passagem entre os discursos.” (SCRAMIN apud RESENDE, 2008, p. 9). A autora destaca, dessa forma, algumas características da literatura brasileira contemporânea, tais como as relações entre literatura e arte e o retorno do trágico, salientando ainda que na contemporaneidade há o que ela chama de uma fertilidade na literatura, na medida em que surgem editoras e escritores novos, muitos deles oriundos de espaços tradicionalmente afastados dos meios literários. Resende aponta ainda para a multiplicidade presente na literatura brasileira contemporânea:

Multiplicidade é a heterogeneidade em convívio, não excludente. Esta característica se revela na linguagem, nos formatos, na relação que se busca com o leitor e – eis aí algo realmente novo – no suporte, que, na era da comunicação informatizada, não se limita

mais ao papel ou à declamação. São múltiplos tons e temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura, postura que me parece a mais interessante e provocativa nos debates que vêm sendo travados. (RESENDE, 2008, p.17-18)

Assim, Resende salienta o convívio entre diferenças na literatura, característico do momento pós-moderno, marcado pela globalização da economia e da informação. Para Resende, há um conflito entre a força da globalização (que provoca homogeneização dos gostos, das expectativas e do consumo) e a diversidade e o pluralismo, passando a coexistir trocas culturais e imposição de homogeneização. Por isso, a autora vê de maneira bastante positiva a multiplicidade presente na literatura brasileira contemporânea, que de maneira original reage diante das forças homogeneizadoras da globalização. Para a autora, o final dos anos 90 foi um período bastante rico para a literatura brasileira, tendo surgido uma série de autores plurais em nossa prosa de ficção:

...aqueles que colocaram a literatura em sintonia com os tempos pós-modernos que se anunciavam, e apresentaram outra dicção com a emergência de novas subjetividades, da tensão entre local e global, da desterritorialização, da ruptura com os cânones ordenadores vigentes, da absorção de eventuais recursos midiáticos na construção do texto e, sobretudo, da ausência de uma preocupação em garantir as barreiras que iam sendo rompidas entre alta cultura e cultura de massa. (RESENDE, 2008, p.23)

Segundo a autora, apesar da diversidade, há questões predominantes e preocupações em comum que se manifestam com maior frequência, quais sejam a presentificação, o retorno do trágico e a violência nas grandes cidades. Com relação à presentificação, Resende destaca a intervenção imediata de novos atores, como escritores de periferia ou segregados da sociedade, além de aspectos formais revelados na grande produção de contos e minicontos, bem como as diversas possibilidades do virtual. A violência nas grandes cidades seria o tema mais evidente na cultura produzida no Brasil contemporâneo, e seria a união da presentificação com o trágico.

Já o pesquisador Karl Erik Schollhammer aponta a preocupação da literatura brasileira contemporânea em ter um compromisso com o real, que questione as possibilidades representativas:

Os exemplos dessa potência de metamorfose e transfiguração mencionados parecem se deslocar em relação à insistência da literatura brasileira, analisada inicialmente, de se tornar próxima à realidade marginal e à violência das grandes cidades. Ao abrir mão de um compromisso representativo com uma realidade histórica reconhecível, esses novos autores se propõem a criar diretamente os contornos daquilo que se torna presente e real. Mesmo quando

se trata de relatos de memória, nota-se uma complexificação do tempo e dos processos narrativos envolvidos, evidenciados pelo trabalho com a linguagem. A realidade não é objeto exterior à ficção, mas a potência de transformação e de criação que nela se expressa. Até mesmo no retorno a uma narrativa introspectiva, a consciência é inseparável de seu objeto, e a narrativa performatiza sua simbiose, conferindo à sensibilidade subjetiva uma natureza menos psicológica e existencial. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 158-159)

Assim como aponta Beatriz Resende, também para Schollhammer o tema da violência irá predominar nas narrativas brasileiras recentemente produzidas, e percebemos que muitas das autoras contemporâneas trabalham a temática da violência a partir de experiências oriundas do universo feminino. Schollhammer destaca ainda o trabalho com a linguagem que é desenvolvido nas produções literárias contemporâneas, o que, segundo a teórica Linda Hutcheon seria uma forma de se questionar os limites do discurso das artes. A autora entende que o atual período é marcado pelo contraditório no campo das artes, bem como por uma auto-reflexividade e um questionamento sobre os limites e as possibilidades do discurso da arte. Ao teorizar sobre o pós-moderno, Hutcheon busca o desenvolvimento de uma poética, no sentido de propor uma teorização sobre o termo, que é historicamente acompanhado de uma série de discussões sobre sua definição. Para a autora, o pós-modernismo não deve ser utilizado simplesmente como sinônimo de contemporâneo, sendo “fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político.” (HUTCHEON, 1991, p.20) Entendendo o período pós-moderno caracterizado pela presença do contraditório e também dando vazão para a questão da diferença, podemos perceber a consolidação da voz feminina na literatura como um ponto de vista diferente e fora do tradicional centro. No campo específico da literatura, Hutcheon destacou uma série de características da literatura contemporânea, tendo suas pesquisas dado grande ênfase para as obras que se utilizaram de auto-reflexividade concomitantemente à apropriação de fatos e personagens históricos, o que a autora denominou metaficção historiográfica. Hutcheon também teorizou sobre a descentralização do pós-moderno, destacando que tanto a teoria literária contemporânea quanto o romance pós-modernista preocupam-se com o questionamento de uma série de conceitos, tais como autonomia, autoridade, homogeneidade e origem, dentre outros. Assim sendo, o discurso teórico contemporâneo passou a desafiar a noção de centro em todas as suas formas, provocando conseqüentemente um repensar sobre as margens e as fronteiras. Novos sujeitos que não se encontravam no centro surgiram, adquiriram e consolidaram seu espaço enquanto questionadores, demonstrando assim o seu direito à participação, dentre eles o movimento feminista. Com vistas ao feminismo, Hutcheon destaca que:

embora o feminismo tenha tido um grande impacto sobre a orientação e o enfoque do pós-modernismo, por duas razões eu não desejaria equiparar o feminismo ao pós-moderno. Em primeiro

lugar, isso ofuscaria os muitos tipos diferentes de feminismo que existem, desde o humanista liberal até o pós-estruturalista radical. Porém, o que é ainda mais importante, integrar o projeto feminista ao projeto pós-moderno - irresoluto e contraditório - seria simplificar e desfazer o importante planejamento político do feminismo. Em minha discussão não só sobre a perspectiva feminista mas também sobre as perspectivas negra, asiática, nacionalista, gay, étnica, e outras importantes perspectivas minoritárias (oposicionistas), tentei preservar a tensão entre a distinta independência e a influência, em relação ao pós-modernismo. (HUTCHEON, 1991, p.14)

A existência de uma pluralidade de discursos feministas possibilita a valorização pós-moderna da diferença. Ainda sobre a pluralidade de discursos dentro do feminismo, a autora salienta que:

Em termos de teoria, as obras das feministas, dos marxistas e dos críticos negros, entre outras, têm afirmado esse tipo de interação dos discursos dos marginalizados. Têm-no realizado de forma tão poderosa que hoje muitos podem julgar que elas criaram uma nova hegemonia cultural, no sentido gramsciano de um novo conjunto de valores e atitudes que proporciona validade ao que agora é uma classe dominante detentora do poder desse conjunto. Porém, dentro de cada grupo existe pouca noção de poder ou de unidade: alguns afirmam que o feminismo é o discurso da mulher branca de classe média. Alice Walker chama sua ficção de "mulherista" para diferenciá-la desse discurso (ver Bradley 1984, 35). Mas existe um discurso feminista negro, um discurso feminista marxista e, naturalmente, um discurso feminista humanista. Do ponto de vista metateórico é essa pluralidade de feminismos que possibilita a valorização pós-moderna da diferença. (HUTCHEON, 1991, p.252)

Percebe-se que o movimento do feminismo apresenta características do pós-modernismo, porém possui suas especificidades: o discurso do feminismo, nesse sentido, é entendido enquanto o discurso do ex-cêntrico, daquele que está fora do centro, na margem, propiciando uma marcação de identidade marcada primordialmente pela diferença. Sendo assim, termos como diferença e heterogeneidade são fundamentais para o entendimento tanto do feminismo como do pós-modernismo. Sobre o tema da identidade, Hutcheon discorre que:

O simples conceito de "não-identidade" tem associações de binariedade, hierarquia e complementaridade que a teoria e a prática pós-modernas parecem dispostas a rejeitar em favor de um conceito mais plural e desprivilegiante de diferença e em favor do ex-cêntrico. Os discursos pós-modernistas - sejam os discursos feitos por mulheres, afro-americanos, índios da América do Norte,

eticistas, gays, etc., ou os que são provocados por suas posturas - tentam escapar à armadilha da inversão e da valorização do outro, de transformar a margem em centro, uma mudança que muitos consideraram como um perigo para o privilégio que a desconstrução dá à escrita e à ausência em detrimento da fala e da presença ou para a ginocentralização de alguns feminismos em relação a um conceito monolítico da Mulher como sendo diferente do Homem. A diferença pós-moderna é sempre plural e provisória. (HUTCHEON, 1991, p.94)

Na literatura ocidental contemporânea, uma série de produções apresentam características que dialogam com o pós-modernismo e com o discurso do ex-cêntrico. Dessa forma, vozes e sujeitos que estavam às margens passam a questionar o espaço ocupado por quem encontra-se ao centro, porém sem ocupar esse espaço. Podemos entender o feminismo enquanto uma das possibilidades desse discurso do ex-cêntrico, na medida em que, quando comparadas aos homens, as mulheres passaram a ocupar um espaço na literatura de maneira bastante tardia. Conforme destacado anteriormente, as vivências e experiências das mulheres eram contadas na literatura, na maioria das vezes, a partir da visão dos homens. Ainda nos dias atuais, a representatividade do universo feminino ainda é bastante baixa na literatura brasileira. Um grupo de pesquisa da Universidade de Brasília, liderado pela professora Regina Dalcastagnè, realizou um estudo sobre narrativas publicadas por três grandes editoras nacionais (Record, Rocco e Companhia das Letras) produzidas entre 1990 e 2004 e constatou que 79,8% das personagens, de ambos os sexos, eram brancas. Do total de personagens analisadas, 6% eram mulheres não brancas e somente uma negra desempenhava o papel de narradora. Para Figueiredo (2013), “A ausência ou a pouca representatividade de personagens femininas negras e indígenas não corresponde à realidade social do país, mas é compatível com o fato de autores publicados por essas três editoras serem, na sua maioria, homens brancos.” (2013, p.150-151). Figueiredo aponta ainda que escritoras negras e indígenas tendem a ter suas obras publicadas por editoras de pequeno porte no Brasil, o que contribui para a ideia de uma literatura que ainda encontra-se na margem, afastada do grande centro, em busca de legitimação. Para a autora:

Como Judith Butler salientou, “o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (Butler: 2010, 20). Se a escrita literária se caracteriza por ter sido historicamente privilégio dos homens das classes dominantes, agora não só as mulheres das classes dominantes, mas também homens e mulheres das classes/etnias que foram subalternizadas ao longo do tempo, começam a buscar sua inscrição no mundo das letras. (FIGUEIREDO, 2013, p. 154-155)

Ou seja, são dados e estudos das mais variadas ordens que contribuem para a importância da valorização da literatura de autoria feminina. A pesquisadora

Guacira Lopes Louro, em ensaio intitulado **Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**, defende a necessidade em se admitir os paradoxos, dúvidas e contradições do período pós-moderno, tentando buscar respostas e produzir reflexões, ainda que em muitas das vezes com formas provisórias, múltiplas e localizadas. A autora destaca que desde que o centro passou a ser desafiado e contestado, surgiu o questionamento de toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética e educação. Segundo Louro:

“Novas” identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa, descontínua. Muitos afirmam, com evidente desconforto, que essas novas identidades “ex-cêntricas” passaram não só a ganhar importância nestes tempos pós-modernos, como, mais do que isso, passaram a se constituir no novo centro das atenções. Não há como negar que um outro movimento político e teórico se pôs em ação, e nele as noções de centro, de margem e de fronteira passaram a ser questionadas. É preciso, no entanto, evitar o reducionismo teórico e político que apenas transforma as margens em um novo centro. O movimento não pode se limitar a inverter as posições, mas, em vez disso, supõe aproveitar o deslocamento para demonstrar o caráter construído do centro – e também das margens! (LOURO, 2003, p.44)

A autora destaca que a posição central é considerada como não problemática, sendo que todos os sujeitos ausentes do centro estariam de alguma forma ligados e subordinados a ele. Ao conceito de centro estariam vinculadas noções de universalidade, unidade e estabilidade. Já as margens do centro estariam relacionadas à ideia de particularidade, diversidade e instabilidade. Louro aponta ainda que:

Se o movimento teórico e político contemporâneo coloca em xeque as noções de centro, de margem e de fronteira, isso deve significar mais do que a aceitação e a tolerância do diferente ou até mesmo mais do que sua transferência da posição marginalizada para a posição central. O grande desafio talvez seja admitir que todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural, ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo. A não nitidez e a ambiguidade das identidades culturais podem mesmo ser, às vezes, a posição desejada e assumida - tal como fazem, por exemplo, muitos jovens homens e mulheres ao inscrever em seus corpos, propositalmente, signos que embaralham possíveis definições de masculinidade e de feminilidade. (LOURO, 2003, p. 50-51)

No entanto, o próprio movimento do feminismo apresenta uma série de correntes e especificidades, o que reforça a importância do movimento dentro do quadro pós-moderno. Hutcheon afirma que:

Ser ex-cêntrico, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora é ter uma perspectiva diferente, que Virginia Woolf (1945,96) já considerou como sendo "alienígena e crítica", uma perspectiva que está "sempre alterando seu foco" porque não possui força centralizadora. Essa mesma mudança de perspectiva, essa mesma preocupação pelo respeito à diferença pode-se encontrar no e dentro do atual discurso teórico pós-moderno. Talvez a teoria feminista apresente o exemplo mais evidente da importância de uma consciência sobre a diversidade da história e da cultura das mulheres: suas diferenças de raça, grupo étnico, classe e preferência sexual. (HUTCHEON, 1991, p. 96)

Judith Butler, em sua obra intitulada **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, defende que “a teoria feminista inicialmente presumia em sua essência a existência de uma identidade definida, composta pela categoria das mulheres, que deflagra a partir do discurso os objetivos e interesses feministas, além de constituir o sujeito em nome de quem a representação política é almejada.” (2003, p.17-18). Butler destaca a importância que a questão da representação teve para a teoria feminista, na medida em que para as mulheres pareceu necessário o desenvolvimento de uma linguagem que fosse capaz de representá-las, com o intuito de promover sua visibilidade política, tendo em vista que para as mulheres suas vidas eram mal representadas ou não representadas. No entanto, a autora argumenta que mais recentemente o discurso feminista aponta para um questionamento de identidade que anteriormente parecia estável ou permanente. Butler salienta ainda a problemática de que o termo mulher não designa uma identidade comum, tendo em vista a necessidade de contextualização histórica e também as interseções que o gênero estabelece com outras modalidades, tais como raciais ou sociais, por exemplo. Sobre isso, Figueiredo destaca que:

há que se distinguir a visão essencializante entre o singular “Mulher” e o plural “mulheres”: enquanto “Mulher” se refere a “um Outro construído cultural e ideologicamente através de um discurso representacional”, o termo no plural, “mulheres”, designa “sujeitos reais e materiais com uma história coletiva” (FIGUEIREDO, 2013, p.156)

Butler chama atenção ainda para o fato de que o único gênero que existe é o feminino, na medida em que: “O gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos. E gênero é usado aqui no singular porque sem dúvida não há dois gêneros. Há somente um: o feminino, o “masculino” não sendo um gênero. Pois o masculino não é o masculino, mas o geral.” (BUTLER, 2003, p.42). Por trás de cada marcação de gênero, há toda uma rede de preconceitos e concepções que são ativadas tanto da parte do emissor quanto da parte do receptor do texto literário.

Sobre a questão da escrita feminina, a pesquisadora brasileira Eurídice Figueiredo aponta que:

Para Béatrice Didier (1981), a escrita feminina constitui um ponto de tensão entre o desejo de escrever e uma sociedade que manifesta, em relação a esse desejo, uma hostilidade sistemática ou uma forma atenuada (ironia ou depreciação). O egotismo que caracterizaria a escrita feminina, segundo /Didier, se manifesta hoje na proliferação de romances e narrativas autobiográficos/autoficcionais. Por isso, a crítica masculina francesa tem demonstrado, com certa frequência, menosprezo pelo gênero, como se atualmente ele fosse domínio do feminino. Por outro lado, se as escritoras saem desse papel que lhes é reservado, a crítica tende a considerar que elas não são capazes de se descolar de seu próprio universo. (FIGUEIREDO, 2013, p.72)

Ainda sobre a autoria feminina, Figueiredo destaca que também a escrita autobiográfica/autoficcional possibilita que as mulheres abordem temas tabus, como incesto ou prostituição, devido à possibilidade de criar um duplo de si. A autora destaca ainda que:

Ao mesmo tempo, deve-se destacar que a escrita feminina sobre a sexualidade, em particular, e sobre o corpo e a identidade feminina, em geral, se propõe a fazer uma releitura do papel arcaico da mulher, que é a de ser objeto do desejo do homem e, por isso, às vezes faz alusão, por exemplo, aos grandes mitos da feminilidade criados pelos contos de fadas como Cinderela, a Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho. O que faz a diferença é que, numa sociedade permissiva, as escritoras narrativizam suas próprias vidas, exibindo uma sexualidade que, longe de ser bem resolvida e prazerosa, parece ser ainda bastante problemática. (FIGUEIREDO, 2013, p. 73)

Figueiredo aponta ainda que até o século XIX a literatura era de tal modo domínio exclusivo dos homens, que as poucas mulheres que escreviam o faziam com pseudônimos masculinos, citando como exemplos os casos de Mary Ann Evans, Aurore Dupin e Victoria Benedictsson. A pesquisadora salienta que o processo de libertação da mulher passou necessariamente pela questão da linguagem, sendo que a língua não é neutra e transmite todo o sexismo existente:

A palavra serve para comunicar e para ocultar, ela se presta tanto para o exercício do poder quanto para a tagarelice vazia. Diz-se das mulheres que falam demais. Esse excesso pode compensar uma frustração por não exercerem nenhum poder, já que o domínio da palavra assertiva é privilégio da classe dominante (homens

brancos). Nomear é imprimir a sua marca, ou, nas palavras de Blanchot, “nomear é essa violência que descarta o que é nomeado para tê-lo sob a forma cômoda de um nome” (Blanchot: 1959, 50). (FIGUEIREDO, 2013, p. 89)

A autora comenta também que na escrita de autoria feminina são introduzidos temas que por muito foram censurados ou ignorados, tais como a gestação, o aborto, a menstruação e o parto. No entanto, a autora defende que a temática da sexualidade, quando escrita por mulheres, ainda provoca escândalo e/ou reações de preconceito, em que temas como pornografia, ninfomania, lesbianismo, pedofilia e sexualidade infantil, ciberpornografia, prostituição e incesto também fazem parte da temática de autoria feminina, porém apresentando especificidades e diferenciações da visão tradicionalmente presente em publicações de autoria masculina.

Em ensaio intitulado **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**, Gloria Anzaldúa escreve uma carta para as mulheres escritoras, defendendo a necessidade da escrita como uma forma de colocação da mulher no mundo:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Com isso, a autora defende a escrita feminina enquanto uma forma de empoderamento das mulheres, na medida em que a escrita opera enquanto forma de luta contra a opressão, já que para Anzaldúa, “Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida” (ANZALDÚA, 2000, p. 234). Assim, Anzaldúa entende a escrita feminina como necessária, e termina seu ensaio com um apelo às mulheres escritoras: “Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. Encontrem a musa dentro de vocês.” (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Já a pesquisadora Constância Lima Duarte, em ensaio intitulado **Feminismo e literatura no Brasil**, aponta para o que ela considera como os quatro momentos do feminismo no Brasil, que seriam: as primeiras letras, no início do século XIX, cuja principal bandeira foi o direito a aprender a ler e escrever; o segundo momento surge por volta de 1870 e é caracterizado basicamente pela grande quantidade de jornais e revistas de feição nitidamente feminista, sendo este ainda um período em que as mulheres ampliaram seu acesso à educação e passaram a sonhar com o direito ao voto; o terceiro momento ocorre ao longo do século XX, e é caracterizado pela explosão de reivindicações feministas pelo direito à igualdade, e o quarto momento, marcado pela literatura e pela revolução sexual, e que corresponde aos últimos cinquenta anos. Já o pesquisador Carlos Magno, em ensaio intitulado **O romance pós-moderno feminino**, discorre sobre romances contemporâneos produzidos por autoras brasileiras, defendendo que o romance pós-moderno produzido pelas autoras estudadas quebra a ordem estrutural do romance, ao utilizar-se da metanarratividade para questionar as fronteiras entre literatura, cultura e arte, o que corrobora com as características da literatura contemporânea apontadas tanto por Hutcheon (1991) quanto por Schollhammer (2007). O pesquisador aponta ainda que as produções das escritoras estudadas oportunizam espaço para diferentes vozes oprimidas socialmente, uma outra tendência já citada anteriormente por estudiosos citados neste trabalho. Gomes apresenta ainda um levantamento histórico sobre as experimentações estéticas pelas quais passou o que ele denomina de romance feminino, dando especial ênfase aos estudos realizados pelas pesquisadoras Elódia Xavier e Constância Lima Duarte. Para ambas pesquisadoras, o romance feminino contemporâneo está voltado para a representação da alteridade transgressora. Para Xavier, isso se deu devido a duas marcas: a falência da família patriarcal e a representação do corpo feminino deliberado. Já Duarte aponta os avanços sociais da mulher enquanto fator determinante para sua escrita na contemporaneidade. O autor finaliza destacando que as autoras estudadas possibilitaram novas reflexões sobre o papel da literatura na sociedade contemporânea. Assim, o romance pós-moderno feminino incorpora a cultura de massas e as questões femininas como parte de um projeto literário para a contemporaneidade.

Uma série de autoras brasileiras despontam com narrativas que abarcam não somente o universo feminino, mas uma ampla variedade de temas, trazendo à luz assuntos contemporâneos a partir de suas visões, propiciando ao público leitor um novo prisma, um olhar a partir da margem que contesta o espaço anteriormente ocupado exclusivamente pelos homens. A literatura indígena contemporânea é muito bem representada pela autora Eliane Potiguara, com especial destaque para o livro **Metade cara, metade máscara** (2004). Já a autora Conceição Evaristo vem obtendo imenso destaque de crítica e público com suas publicações voltadas para a representação da mulher negra e de periferia. Produtora de diversos contos, poesias e romances, alguns de seus trabalhos mais conhecidos são **Ponciá Vicêncio** (2003) e **Becos da memória** (2006). Outra autora que acompanha o projeto literário de Evaristo é Ana Maria Gonçalves, autora de **Um defeito de cor** (2006). Adriana Lisboa desenvolve um trabalho de intensa criatividade, domínio da linguagem, fazendo amplo uso de imaginário metaliterário, com especial destaque para as produções **Sinfonia em branco** (2001) e **Azul corvo** (2014). No romance **A chave**

de casa, a autora Tatiana Salem Levy explora com desenvoltura temas da ordem do político e do social, e que fogem do estigma de assuntos que seriam de um universo somente feminino, e em que a literatura serviria como forma de perpetrar uma submissão feminina perante o homem Levy aborda uma série de temas do universo feminino, em que as peculiaridades do ser mulher permeiam o fio narrativo: ao problematizar o tema do aborto, ainda bastante polêmico nos dias atuais, e destacar a questão da violência contra a mulher, a autora dá espaço para temas de suma importância que precisam ser debatidos na literatura de autoria feminina, como forma de empoderamento da mulher, através de sua escrita enquanto denúncia. Diversos outros nomes de autoras brasileiras merecem destaque por suas recentes publicações, tais como Ana Miranda, Ana Paula Maia, Angélica Freitas, Carol Bensimon, Carola Saavedra, Cíntia Moscovih, Eliane Brum, Ivone Benedetti, Luciana Hidalgo, Maria José Silveira, Maria Valéria Rezende, Maria Pilla, Paloma Vidal, Patrícia Melo, Rosângela Vieira da Rocha e Vilma Arêas, dentre muitas outras. Passados quase cem anos dos ensaios de Woolf, deparamo-nos na contemporaneidade, felizmente, com uma realidade distinta da que foi vivenciada pela autora e por sua geração. No entanto, conforme a própria Woolf era bastante ciente, muitas mulheres lutaram por espaço para que pudéssemos alcançar a liberdade e os direitos que exercemos nos dias de hoje. Mesmo assim, o caminho continua árduo e as batalhas e os obstáculos continuam a fazer parte dos caminhos trilhados pelas mulheres, nas suas mais variadas escolhas pessoais e profissionais. Nesse sentido, é preciso que as mulheres tenham ciência de que a luta deve continuar, para que as futuras gerações possam colher os frutos do esforço pela luta de direitos iguais e de melhores condições de vida e de trabalho, como nos é oportunizado na contemporaneidade. Concluindo, a literatura brasileira contemporânea conta com um grupo conceituado de escritoras que abordam uma significativa diversidade de temas, tais como desigualdade social e racial, lesbianismo e relações homoafetivas em geral, dentre inúmeros outros assuntos, que propiciam diversas reflexões partindo de um novo olhar, distante do centro representado pelo escritor branco, heterossexual e de classe média, oportunizando a discussão de novos paradigmas a partir do universo feminino, através de uma escrita que atua enquanto ato político, ao representar, escutar e valorizar as autoras mulheres.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em:<

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>> Acesso: setembro de 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n.49, p.151-172, 2003. Publicado em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010 Acesso em: 05.ago 2020

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice. Violência e sexualidade em romances de autoria feminina. **Revista Interdisciplinar**, São Cristovão, UFF, v.32, jul.-dez., p. 137-149, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/12872> Acesso em: 09nov. 2020

GOMES, Carlos Magno. O romance pós-moderno feminino. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, Sergipe, Ano 5, v.10, jan-jun de 2010, p.45-53. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1253/1089> Acesso em: 07.ago 2020

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Cultura, gênero e sexualidade - O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. In: **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa. 1ª ed. 6ª reimp. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Para citar este artigo

SILVA, J. B. e. O feminismo como aporte teórico e tendências da literatura brasileira contemporânea de autoria feminina. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 333-348.

A autora

JANÁINA BUCHWEITZ E SILVA é graduada em Letras- Habilitação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola pela Universidade Federal de Pelotas (2002). Especialista em Língua Espanhola (UCPel - 2004), Especialista em Educação (UFPeI - 2009), e Especialista em Educação para a Diversidade (UFRGS - 2014). Mestra em Letras - Área de Literatura Comparada (UFPeI - 2017). Graduada em Letras- Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela ULBRA Canoas (2019). Doutoranda em Letras na UFPeI, com ingresso em 2018/2. Áreas de interesse: escritas de si, autoficção, autobiografia, testemunho, literatura brasileira contemporânea, literatura e ditadura, literatura de autoria feminina.